

# Desvendando o escritor através de sua biblioteca

Antônio Afonso Pereira Júnior

## **Oswaldo França Júnior: o homem, sua obra e sua coleção**

Oswaldo França Júnior, popularmente conhecido por França Júnior, nasceu na cidade do Serro, Minas Gerais, em 21 de julho de 1936. Desde criança queria ser aviador e, em 1953, ingressou na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de Barbacena. Formou-se piloto no curso de Formação de Oficial Aviador, no Rio de Janeiro. Foi expulso da FAB depois do golpe militar de 1964. Depois de sua expulsão da Aeronáutica, tornou-se motorista de táxi em Belo Horizonte e nas horas vagas escrevia contos.

Aconselhado por Rubem Braga, escreveu um romance e o enviou ao cronista, no Rio de Janeiro. Assim surgiu o seu primeiro livro, *O viúvo*, lançado pela Editora do Autor. Em 1967 publicou *Jorge, um brasileiro*, com o qual ganhou o prêmio Walmap de Literatura, o mais importante da literatura brasileira da época. É o seu romance mais conhecido no Brasil e em diversos países. *Jorge, um brasileiro* foi traduzido para o alemão com o título *Jorge, der Brasilianer*, publicado pela Edition Suhrkamp, de Frankfurt. Foi adaptado para a televisão no programa "Caso Especial", na Rede Globo, tendo posteriormente o roteiro ampliado, originando a minissérie "Carga Pesada". O livro resultou também no filme homônimo, dirigido por Paulo Tiago. Em 1969, publicou *Um dia no Rio*, romance sobre o dia de um mineiro de Belo Horizonte que vai ao Rio de Janeiro numa viagem de negócios. Em 1972, publicou *O homem de macacão*, livro que foi traduzido para o inglês, *The Man in the Monkey Suit*, por Gregory Rabassa e publicado pela editora Ballantine Books, de Nova York, em

1986. Em 1974, publicou *A volta para Marilda*. Em 1976, publicou *Os dois irmãos*, que é considerado, por alguns críticos, como um divisor de águas na narrativa do escritor, o romance atesta “a mudança de rumos empreendida pelo autor e a adesão a um tipo de literatura bem distanciado daquele que vinha caracterizando seus primeiros livros”.<sup>1</sup> Em 1978, publicou *As lembranças de Eliana*. Em 1980, publicou *Aqui e em outros lugares*. Nesse ano a editora E. P. Dutton, de Nova York, publicou a tradução de *Jorge, um brasileiro* com o título *The Long Haul*, traduzido por Thomas Colchie. Em 1982, publicou *À procura dos motivos*. Em 1984, publicou *O passo-bandeira: uma história de aviadores*, considerado pela crítica como um livro autobiográfico, sendo o único romance do escritor que trata o tema da aviação. Entusiasta das coisas serranas, em 1984, brindou a cidade com uma importante proposta de *Levantamento e Conservação da Memória Cultural do Serro*, distribuída aos órgãos competentes. Em 1985, *O passo-bandeira* fez parte da lista das obras literárias indicada para o vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Em 1985, publicou *As laranjas iguais*, seu primeiro livro de contos. No mesmo ano, foi para Cuba convidado como membro do júri de Literatura Brasileira do prêmio Casa de las Américas 1985. Em 1986, publicou *Recordações de amar em Cuba*, livro que foi escrito a partir das observações e experiências vividas durante sua estada em Cuba. Em 1987, publicou *No fundo das águas* que anos depois foi publicado em inglês e francês *Beneath the Waters* e *Au fond des eaux*. Em 1990, *Jorge, um brasileiro* é traduzido para o espanhol com o título *Carga pesada* e publicado, em Cuba, pela Casa de las Américas. Sua obra foi traduzida em vários países: Alemanha, Estados Unidos, União Soviética, França e Checoslováquia. Em 1988, foi para a Alemanha a convite de algumas prefeituras e órgãos de cultura de diversas cidades para ministrar palestras sobre seu livro *Jorge, um brasileiro* e sobre literatura brasileira.

O conjunto da obra de França Júnior marca pela simplicidade, pelo trivial do cotidiano de pessoas comuns. Segundo Angela Cristina Salgueiro Marques seu estilo é límpido e sua linguagem é sóbria:

<sup>1</sup> LOPES. Vinte anos sem o França, p. 37.

A presença de recursos verbais limitados, acreditamos, não desmerece a secura de seu estilo pois, como apontado anteriormente por Fábio Lucas, isso demonstra ser uma virtude. Mas, retomando as observações de Bella Jozef, de que “é muito mais difícil chegar ao coloquial do que continuar no tradicional”, considere-se que as qualidades imprescindíveis da linguagem de França Júnior se devem ao uso de frases curtas, simples, desprovidas de enfeites e de adjetivos, o que torna sua linguagem limpa e, por extensão, uma linguagem simples. Recorde-se, ainda, o uso excessivo de frases polissindéticas, muito recorrente na maioria de seus romances, que confirmam a estratégia de narrar os acontecimentos por “agregação, associativamente”.<sup>2</sup>

França Jr. morreu prematuramente, no auge de sua produção literária, vítima de um acidente de trânsito na estrada que liga Belo Horizonte a João Monlevade, antiga BR-262, hoje chamada de BR-381, este trecho da rodovia é conhecido como a “Rodovia da morte”. Faleceu em 10 de julho de 1989, aos 52 anos, quando voltava de João Monlevade (MG). Por ironia, o autor da ficção mais famosa a tratar dos perigos da estrada morreu num desastre. Em *Jorge, um brasileiro*, cujo enredo é a saga de oito caminhoneiros numa viagem do Vale do Aço a Belo Horizonte. Vinte e dois anos depois, o carro que o romancista dirigia rodou na pista e despencou numa ribanceira, de 60 metros, perto de Monlevade. Deixou terminados os originais do livro *De ouro e de Amazônia* que foi publicado no final desse mesmo ano.



Figura 1: França Júnior na época das Forças Armadas.  
Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>2</sup> MARQUES. *Do simples ao duplo: um estudo da obra de Oswaldo França Júnior*, p. 25.

Ao longo da sua vida, amechou mais de dois mil livros, numa coleção bem eclética sobre diversos temas: saúde, sexualidade, política, religião, agricultura, literatura, direito, psicologia, entre outros assuntos diversos. Possuiu mais de 100 periódicos, um arquivo com mais de 3 mil documentos (originais, cartas, fotografias) e vários objetos pessoais (quadros, estátuas, mobiliário). Todo este acervo pessoal foi doado, em agosto de 1996, pela família do autor para a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em junho de 2002, terminou-se o inventário, seguido pela assinatura do termo entre as partes envolvidas; em novembro do mesmo ano, à véspera da inauguração do setor na UFMG, em que ficaria guardado seu acervo: o Acervo de Escritores Mineiros (AEM).



Figura 2: Obras de França Júnior expostas no AEM. Fonte: Arquivo pessoal.

## **Acervo de Escritores Mineiros: espaço da memória literária mineira**

O fundo memorialístico do autor está guardado na UFMG sob os cuidados do Centro de Estudos Literários e Culturais (CELC), um núcleo de pesquisa da Faculdade de Letras (FALE). O material está fisicamente localizado no AEM, um órgão suplementar da FALE. Espaço permanente de exposição, o AEM foi inaugurado em dezembro de 2003. Ocupa uma área de 6980 m<sup>2</sup>, do terceiro andar da Biblioteca Universitária da UFMG, no *campus* Pampulha. Foi construído com apoio da Financiadora de Inovação e Pesquisa (Finep), uma empresa pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, através do fundo setorial de investimento CT-Infra/Finep, criado para viabilizar a modernização e ampliação da infraestrutura e dos serviços de apoio à pesquisa desenvolvida em instituições públicas de

ensino superior e de pesquisas brasileiras, por meio de criação e reforma de laboratórios e compra de equipamentos, por exemplo, entre outras ações. O AEM presta atendimento a visitantes e pesquisadores, recebe órgãos oficiais, culturais e de imprensa, permitindo consulta no local, com acesso ao banco de dados da UFMG.

O patrimônio cultural e histórico de um povo é de interesse permanente para a constituição de sua identidade. Assim, o AEM é um espaço de preservação da memória da literatura mineira e constitui-se no maior projeto do CEL, da FALE. Concebido a partir de uma perspectiva museográfica e cenográfica, recria o ambiente de trabalho dos escritores nele representados, abrigando biblioteca com 25 mil volumes, dos quais se destacam obras raras do período do modernismo brasileiro, bem como preciosas coleções de periódicos, documentos, correspondência, fotografias, obras de arte e objetos pessoais. Além da área reservada para a exposição dos acervos, há um espaço para o trabalho dos pesquisadores e bolsistas, com sala de reuniões e infraestrutura operacional. Sistemas de iluminação, ventilação e segurança dentro dos padrões técnicos apropriados garantem a conservação e preservação dos acervos. O AEM conta atualmente com 26 escritores, reunindo documentos, objetos pessoais, livros, móveis, fotografias, medalhas e os mais diversos tipos de suportes informacionais que preservam a história e a memória do escritor.

O principal critério para um acervo integrar o AEM é a naturalidade do escritor. Além deste, a relevância literária e cultural da possível doação, com base no valor cultural da documentação conservada, da obra do titular do acervo em questão e na importância de sua atuação no cenário literário, artístico, cultural, social e político. Naturalmente, o foco é, prioritariamente, o recebimento de acervos e coleções de escritores mineiros ou ligados a Minas Gerais, embora não se descarte o recebimento de material de pessoas de outros lugares. O primeiro acervo doado foi o fundo documental da escritora Henriqueta Lisboa, em 1989. Para abrigar um acervo de escritor, consideram-se alguns critérios, a saber: a) a relevância literária do escritor e sua obra; b) o valor histórico e cultural dos fundos documentais do escritor; c) as condições de preservação do arquivo e as formas de seu repasse à Universidade. Para o recebimento de um acervo, é necessário que a proposta seja aprovada pelo Conselho

Diretor do CELC, a partir de uma discussão sobre o interesse do acervo ou da coleção. O AEM consegue integrar três ambientes: museu, arquivo e biblioteca de forma harmônica. Esse é o grande diferencial do setor: guarda a coleção bibliográfica, cartas, fotos, móveis de escritório, objetos pessoais, coleção de quadros, obras de arte e idiossincrasias dos escritores. Isso traz a biografia intelectual dos escritores que reflete o percurso de suas vidas e obras neste espaço multifacetado, que é completo para que os pesquisadores possam tentar recuperar a memória do escritor pesquisado.

Os livros do setor não são emprestados, por serem classificados como coleção especial, as consultas das obras são feitas somente no local, até porque o AEM possui exemplar único de alguns livros, que nem mesmo a Biblioteca Nacional do Brasil (BN) possui. Alguns livros com dedicatórias e autógrafos de diversos escritores, como por exemplo, de Carlos Drummond de Andrade e grifos dos próprios escritores mostrando anotações e destaques para a leitura que faziam das obras, constituindo-se em fonte rica de pesquisa e sempre muito requisitada pelos usuários do AEM. Os arquivos dos escritores representam a fonte de pesquisa mais utilizada pelos pesquisadores. Fonte única e primária, como cartas, recorte de jornais, de revistas, fotografias, manuscritos de seus livros, entre outros documentos pessoais e oficiais, já que a maioria era servidor público, como Cyro dos Anjos que era assessor do Ministro da Justiça e imortal da Academia Brasileira de Letras. Os espaços possuem uma elevação do plano expográfico para exaltar a coleção em questão e para garantir a estética dos cenários museográficos. Tal disposição permite que o visitante viaje no tempo. A estética proporciona uma experiência entre o conhecimento e o entretenimento. Os espaços são exposições permanentes que foram batizadas de *O laboratório do escritor*, tentando reproduzir o seu escritório, onde esses artistas criavam suas obras. Os documentos que ficam expostos ao lado dos cenários são protegidos por vitrines, impedindo que as pessoas toquem nos documentos, cartas, fotos e objetos pessoais. Buscar seu *ethos* através de sua biblioteca e arquivo, conhecer suas idiossincrasias, gostos, desejos, sonhos, fetiches, taras e medos do autor, reproduzindo seu escritório através de sua galeria de museu.

Walter Benjamin<sup>3</sup> disse que dá para saber muito sobre uma pessoa pelos livros que ela possui: gostos, interesses, hábitos. Os livros guardados, os que são descartados, os lidos, bem como os que não são lidos, dizem algo sobre quem é você. Benjamin tinha uma paixão pela escrita, pela impressão, pelo livro, sua portabilidade, resistência e origem. Como um colecionador sagaz, ele argumentava que conseguia decifrar a essência de uma pessoa através das suas leituras. Assim, Benjamin percebia que o mesmo efeito ocorria com bibliotecas particulares. A biblioteca era uma testemunha fiel da personalidade de seu colecionador. As encadernações conseguem preservar seu colecionador, portanto este vive nos seus livros. Dessa maneira, só depois que o colecionador colocasse o seu último livro na prateleira de uma estante e morresse, que sua biblioteca poderia falar de seu criador. Sem a presença de seu dono para confundir, os fascículos poderiam revelar o conhecimento e privacidade de seu proprietário.

O fundo memorialístico de França Júnior e dos demais escritores expostos no AEM é fruto de uma tríade: biblioteca, arquivo e objetos pessoais, que irão compor o cenário museográfico do escritor. A tradição separa essas categorias, enfatizando as diferenças, ou especificidades e ignorando as semelhanças. Segundo Smith,<sup>4</sup> museus, arquivos e bibliotecas não nasceram separados, mas foram se afastando ao longo do tempo. Martins<sup>5</sup> e Witty<sup>6</sup> acreditam que, ao que tudo indica, as primeiras instituições acumulavam tanto materiais bibliográficos quanto de natureza arquivística – relações de propriedades de terras e respectivos impostos. Smith<sup>7</sup> diz ainda que a área de conhecimento da Ciência da Informação somente será reconhecida em sua utilidade social quando a mesma conseguir propor soluções para problemas de acesso à informação. A distinção entre biblioteca, museu e arquivo, em particular, não faz sentido no

<sup>3</sup> BENJAMIN. 1978.

<sup>4</sup> SMITH. Arquivologia, biblioteconomia e museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separam?

<sup>5</sup> MARTINS. *A palavra escrita*: história do livro, da imprensa e da biblioteca.

<sup>6</sup> WITTY. The beginnings of indexing and abstracting: some notes towards a history of indexing and abstracting in Antiquity and the Middle Ages.

<sup>7</sup> SMITH. Arquivologia, biblioteconomia e museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separam?

AEM, pois tudo é único. A expressão do escritor atinge seu ápice somente com a união dos três ambientes na busca da recuperação da memória do autor. Segundo Smith,<sup>8</sup> o documento e a informação são as duas faces da mesma moeda, sendo que uns prestam mais atenção a uma face, outros à outra, mas não é possível descolar as faces da moeda. As ciências sociais geram uma tensão entre documento e informação. A institucionalização da informação, operada pela Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, encontra sua justificativa cultural, social e econômica à medida que esta informação é disponibilizada para a sociedade, ou comunidade, que financia a manutenção deste estoque.

Na experiência estética da imagem do museu há uma harmonia entre a forma e o conteúdo das exposições. A experiência estética de visitantes aos museus de ciência e tecnologia e de arte, permite, por um lado, considerar a implementação de projetos de cooperação entre museus, pesquisadores, artistas e escolas e também fornecer estratégias de ação na formação de professores, abrindo o campo de pesquisa interdisciplinar. Assim, o AEM, pela preservação dos fundos dos escritores ali depositados, possibilita pesquisas nas diversas áreas do conhecimento como as Artes, a Literatura, a História, a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia, entre outras. A instituição considera que os fundos ali depositados são de interesse coletivo e de caráter público. O AEM tem por objetivo resgatar a memória literária através de um ambiente onde a estética dos espaços museográficos e a exaltação das personalidades ali expostas estejam aliadas às tecnologias de conservação, preservação e difusão deste conhecimento para despertar o encantamento pelos artistas, pela literatura, pela história e pelo próprio espaço.

Um ano antes da inauguração do setor, em 2002, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) aprovou a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural e, em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial. Nesse contexto, o AEM nasce com a missão de preservar o patrimônio imaterial da mineiridade, da literatura mineira através dos fundos memorialísticos dos

<sup>8</sup> SMITH. Arquivologia, biblioteconomia e museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separam?



escritores mineiros. A construção da memória cultural de uma pessoa, lugar, tempo, acontecimento ou do próprio povo se dá, sobretudo, pela imagem, que pode ser compreendida com um potencial narrativo que se ativa a partir da observação.

O museu é uma construção que permite aumentar a consciência através das significações, ressignificações e múltiplas funções que os adornos, objetos, livros ganham no espaço. A estética, a afetividade, o conhecimento, a lembrança, a experiência pessoal que cada um traz consigo da cultura material e imaterial sobre o escritor, formando uma nova memória daquele personagem exposto:

Museus são instituições que, em última instância, desempenham o papel de dar extroversão à dimensão imaterial do patrimônio que conservam e expõem. Eles transformam coisas em objetos, quando as deslocam do ambiente cotidiano, distanciando-as do universo estritamente concreto, e as ingressa em uma ordem simbólica, conferindo-lhes novos significados. Mantermos com as coisas uma relação de instrumentalidade, contígua ao nosso corpo.<sup>9</sup>

O arquivo, o museu e a biblioteca tentam produzir o efeito de sacralizar o indivíduo, mas esses documentos pessoais ao mesmo tempo que revelam sua personalidade, por vezes ocultam. Sobre o arquivo do escritor, Reinaldo Martiniano Marques, professor da FALE da UFMG, pondera:

O interesse pela guarda e conservação de arquivos literários por parte de universidades e fundações, públicas e privadas, assim como a disponibilização de seus documentos e materiais para a consulta por pesquisadores, estudantes e a comunidade em geral, têm propiciado o crescente interesse por pesquisa em acervos de escritores e fontes primárias da literatura.<sup>10</sup>



Figura 3: Galeria de França Júnior no AEM  
Fonte: Arquivo pessoal

<sup>9</sup> JULIÃO. Patrimônio imaterial e museus, p. 88.

<sup>10</sup> MARQUES. O arquivo literário e as imagens do escritor, p. 90.

## **Desempacotando sua biblioteca, observando o museu e revirando seu arquivo**

A biblioteca pessoal constitui a história de vida de seu dono? O conhecimento, a experiência e os registros dessas experiências acumuladas por uma pessoa ou instituição constituem uma variada e rica fonte informativa.

Em princípio, o acervo, compreende as primeiras edições e reedições subsequentes de suas próprias obras. Complementando, inclui também os livros lidos, os que vão ser lidos, os livros compartilhados com amigos, discípulos e mestres, os dicionários, guias e outras fontes de referência para a elaboração de seu ofício. Na maioria das vezes, esse material é enriquecido com anotações pessoais que permitem leituras diversas e, portanto, são uma fonte de estudo e pesquisa. Compõem ainda a coleção as revistas, jornais, recortes e separatas onde recebem destaque as resenhas, críticas e opiniões sobre o seu trabalho, os slides, vídeos, fitas cassetes que em geral, testemunham momentos ou fases da vida do titular.<sup>11</sup>

França Júnior acumulou 2355 livros, sobre vários temas: política, economia, filosofia, religião, esportes, ciências, romances, clássicos da literatura mineira, brasileira e internacional, enciclopédias e muitos outros da área de saúde, como sexualidade, neurociência, psicologia, nutrição etc. Séries de coleções como a famosa “Os pensadores”, da Editora Abril. Na opinião de Luis Milanese:

O que uma pessoa acumula de informação durante a sua vida, além do que permanece na memória, formando as suas lembranças, supostamente estará acessível, ao menos para ela própria. Seus livros e revistas, guardados diversos, álbuns de fotografias, diários, cartas, objetos pessoais que só tem sentido se estão espalhados por estantes, gavetas, armários e até mesmo lugares imprevisíveis. Para achar o que deseja ver ou rever, usa recurso da memória: “tal caderno está na segunda gaveta da escrivaninha”, a carta está na pasta cinza... Quando as posses de um indivíduo aumentam, e isso se traduz pelo acúmulo de objetos, de escritos, e cresce o desejo de encontrá-los com maior rapidez, a pessoa percebendo que será incapaz de reter na memória os caminhos de acesso, cria códigos de localização. Em outras palavras, na medida em que um depósito de bens cresce, e há a necessidade de controlá-lo, aumenta também a complexidade dos meios para achar no palheiro a agulha desejada. Se esse endereço, por uma desgraça, for esquecido, o

<sup>11</sup> MIRANDA. *A trama do arquivo*, p. 105.

bem, provavelmente, se perderá. Nesse caso, o depósito deverá ser reorganizado, com gastos e perda de tempo, para, novamente, tornar-se útil. De geração em geração o estoque aumenta e quanto maior for, mais difícil se torna recuperar o que nele se encontra. A chave de acesso, dessa forma, pode não ser um bem em si, mas é a possibilidade de tê-lo. As gerações em sequência não só recebem o que foi acumulado anteriormente, mas também os meios para achar o que precisam. Nesse sentido, acervos e códigos integram-se num complexo que se constitui no mapa da produção humana, a grande memória que mantém vivos todos os cérebros mortos.<sup>12</sup>

Ana Virgínia, bibliotecária da BN, afirma que as bibliotecas dos escritores são “fechadas”, isto é, aquela coleção foi construída com o que o autor comprou, ganhou, permutou e acumulou em vida. Todo material bibliográfico adquirido pela FALE, que aborde qualquer aspecto da vida ou obra de França Júnior passa a compor a coleção de referência da biblioteca do CELC, para servir de apoio aos pesquisadores e funcionários do AEM.

A biblioteca do AEM é catalogada de acordo com o código de Catalogação Anglo-Americano, 2ª edição (AACR2) e classificada pelo sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD):

A ordem de itens por tamanho, que atribui ao arranjo da coleção uma organização simétrica, independentemente do conteúdo de cada item do acervo,<sup>13</sup> é o mais antigo sistema de organização de bibliotecas que remonta às bibliotecas claustrais, denominado Sistema de Localização Fixa, posto que implica a atribuição de notação que fixa o item em local determinado. Este sistema, encarado como estético, posto que gerava uma biblioteca visualmente organizada.<sup>14</sup>

A biblioteca de França Júnior e dos demais escritores reunidos no AEM são organizadas por ordem de tamanho dos menores livros na primeira prateleira para os maiores nas prateleiras seguintes até os grandes formatos ficarem guardados nas prateleiras inferiores numa sequência numérica crescente. Designa uma sigla para cada autor, no caso de França Júnior (FJ), seguida do número da estante, depois da prateleira e por fim o número do livro. A sequência numérica não retroage em cada

<sup>12</sup> MILANESI. Em busca da identidade perdida, p. 14.

<sup>13</sup> CONSTANTIN, 1841, p. 47.

<sup>14</sup> PINHEIRO; WEITZEL. A organização de itens em prateleiras, p. 28.

prateleira ou estante, ela é crescente em toda coleção, indo do FJ E01 P1 n. 1 até o FJ E7 P5 n. 2355. Por exemplo: O livro 33, da segunda (de cinco) prateleira da sexta (de um total de sete) estante, da coleção França Júnior, receberá a seguinte notação: FJ E06 P02 n. 33. Os acervos recebem esse código composto pelas iniciais do titular com a finalidade de identificar e evitar que materiais de um fundo memorialístico se misturem com outros. Essa classificação tem ainda um apelo para a estética, uma vez que compõe um cenário milimétrico quanto à linha exata e perfeita dos livros: é a biblioteca “conversando” com o museu. No AEM o livro tem duas perspectivas, como fonte de informação e como peça de um grande museu.

Os livros são cadastrados no Pergamum – Sistema Integrado de Bibliotecas, desenvolvido pela PUC Paraná. Esse sistema contempla as principais funções de uma biblioteca, trabalhando de forma integrada, com o objetivo de facilitar a gestão dos centros de informação, especialmente as bibliotecas universitárias. A Rede Pergamum conta com aproximadamente oito mil bibliotecas em todo o Brasil, o que dá visibilidade ao acervo e ao trabalho do AEM.

Uma peculiaridade da biblioteca de França Júnior é a riqueza de suas anotações, grifos e dedicatórias, por vezes solenes e muitas vezes engraçadas, conforme exemplificados em anexo.

Trabalhar com as dedicatórias impressas é trabalhar com diversos elementos e possibilidades que remetem à história do livro. Abordar esta prática no ambiente do Brasil das primeiras décadas do oitocentos, ainda pouco conhecida, é também caminho para desvendar relações de sociabilidade; comportamentos e jogos políticos, além do próprio contexto no qual se inserem. [...] A dedicatória apresenta-se como símbolo das relações políticas, das trocas efetuadas na busca por poder e influência; símbolo de uma política apoiada na hierarquia vigente. O livro e a dedicatória são marcas de uma cultura que busca sofisticar suas relações e representações, sendo interessante observar sua utilização por uma elite letrada em meio a uma maioria de iletrados. A prática das dedicatórias toma forma no complexo contexto do Antigo Regime, que deixou permanências na Europa e no Brasil do século XIX: é reflexo da perpetuação das relações de mecenato, ligada aos costumes de uma sociedade de Corte, e às relações entre soberanos e letrados.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> DELMAS. Do mais fiel e humilde Vassalo: as dedicatórias impressas para os monarcas D. João VI e Dona

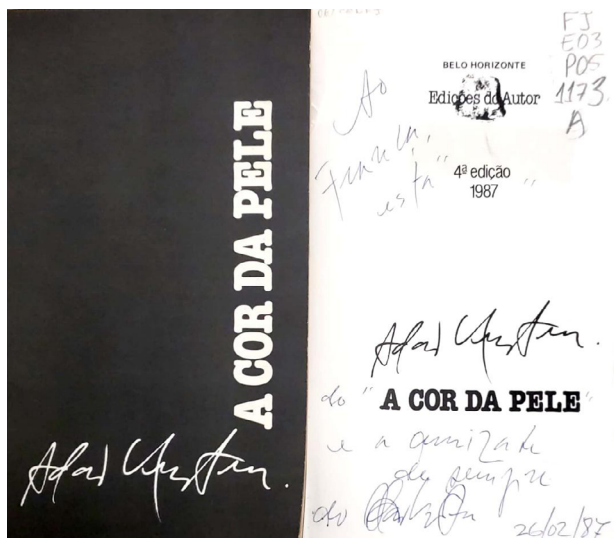


Figura 4: Livro da coleção particular de França Júnior com dedicatória de Adão Ventura.  
Fonte: Arquivo pessoal.

Além da organização e divulgação da coleção, o AEM elabora um inventário, documento onde todo o material é descrito e detalhado, constituindo um instrumento legal que firma a doação entre a família do escritor e a universidade. Nesse inventário, ocorre uma separação de documentos arquivísticos em tipos, tipologia documental. Assim sendo, fotos, cartas, recortes de jornais, entre outros são reunidos. Simultaneamente ocorre a fase de conservação e preservação com a higienização dos materiais, retirada de cliques, grampos, a limpeza mecânica e o acondicionamento em pastas e caixas de arquivo embrulhadas com papel de PH neutro, do tipo Filifold. É um papel especial fabricado com reserva alcalina, usado para a guarda permanente, por manter inalterada a resistência original dos documentos contra ácidos provenientes do ar poluído. Sua composição garante ainda alta resistência a dobras e vincos, sendo utilizado como pastas para conservar fotos e documentos.

## Considerações finais

A memória é um tema complexo, toma atenção de diversos acadêmicos. Um debate que envolve historiadores, arquivistas, bibliotecários,

museólogos, sociólogos, antropólogos, filósofos, estudiosos de diversas áreas como a de Letras e Literatura. Essa discussão perpassa a teoria de que a memória está conectada ao poder, na legitimação do discurso da verdade imposta. Ao recriar o cenário para desvendar o passado de um escritor, tentamos testemunhar a personalidade de França Júnior:

Na tradição filosófica, e também no modo de pensar comum a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência (ou anamnese ou reevocação), pelo contrário, remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido. Segundo Aristóteles, a memória precede cronologicamente à reminiscência e pertence à mesma parte da alma que a imaginação: é uma coleção ou seleção de imagens com o acréscimo de uma referência temporal. A reevocação não é algo passivo, mas a recuperação de um conhecimento ou sensação anteriormente experimentada.<sup>16</sup>

A importância do patrimônio cultural imaterial é gigantesca, não reside apenas na manifestação cultural em si, mas no estoque de informações e técnicas que se transmitem de geração em geração. Nesse contexto, o AEM atua ao dar valor social, político, cultural e até econômico para transmissão de conhecimentos aos variados grupos sociais (pesquisadores, alunos da universidade e escolas de ensino médio e fundamental), bem como ao promover e proteger a memória do escritor através de suas bibliotecas, arquivos e galerias museográficas. É dar importância à memória da literatura mineira, portanto preservar e divulgar o patrimônio cultural imaterial dos mineiros para as gerações futuras.

Escrever a história de algo ou alguém é contar ou recontar fatos, interpretar acontecimentos sobre duas grandes dimensões: tempo e espaço. O fundo memorialístico tenta criar ou recriar discursos para o futuro da coletividade, a fama que orienta ou desorienta as gerações futuras, enquanto o escritor que só viveu o presente da vida, agora incrustada em fragmentos pessoais aprisionados de um passado, ou seja, a memória que tenta vencer o esquecimento. Dessa maneira, seja através da estética do museu, da organização do conhecimento da biblioteca e da intimidade revelada do arquivo tentam superar o maior dos males que qualquer pessoa pode padecer, a pior das mortes: o ostracismo.

<sup>16</sup> ROSSI. Lembrar e esquecer, p. 15-16.



Figura 5: Franca Júnior dando entrevista para o Jornal do Brasil – foto do arquivo do JB.  
Fonte: Arquivo pessoal.

## Referências

- ANDRADE, Lucas Veras de; BRUNA, Dayane; SALES, Wesleyne Nunes de. Classificação: uma análise comparativa entre a classificação decimal universal – CDU e a classificação decimal de Dewey – CDD. *Biblos*, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 2, p. 31-42, jul./dez. 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: infância berlinense: 1900*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DELMAS, Ana Carolina Galante. Do mais fiel e humilde Vassalo: as dedicatórias impressas para os monarcas D. João VI e Dona Carlota Joaquina no Brasil. In: Encontro de História ANPUH Rio, 13., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, ANPUH, 2009.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.) *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. (Coleção patrimônio, 5).
- JULIÃO, Letícia. Patrimônio imaterial e museus. In: REIS, Alcenir Soares dos; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *Patrimônio imaterial em perspectiva*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p. 85-105.
- LOPES, Carlos Herculano. Vinte anos sem o Franca. *Suplemento literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura, n. 1325, p. 36-37, out. 2009.
- MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. *Do simples ao duplo: um estudo da obra de Oswaldo França Júnior*. 2004. 181 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

- MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário e as imagens do escritor. In: \_\_\_\_\_. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 87-113. (Humanitas).
- MILANESI, Luis. Em busca da identidade perdida. In: \_\_\_\_\_. *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê, 2002. p. 13-17.
- MIRANDA, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG: Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995.
- PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz; WEITZEL, Simone da Rocha. A organização de itens em prateleiras. In: \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros na biblioteca: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007. p. 27-53.
- ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: \_\_\_\_\_. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 15-16.
- SMITH, Johanna W. Arquivologia, biblioteconomia e museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separam?. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27-36, 1999-2000.
- WITTY, Francis J. The beginnings of indexing and abstracting: some notes towards a history of indexing and abstracting in Antiquity and the Middle Ages. *The Indexer*, S. I., v. 8, n. 4, p. 193-198, oct. 1973. (citados por SMITH, 1999-2000).